

INSTITUTO FEDERAL GOIANO
CAMPUS AVANÇADO IPAMERI
CURSO DE SEGUNDA LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE HUMANA:
PERSCRUTANDO A INDIVIDUALIDADE DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

IPAMERI/GO
NOVEMBRO/2020

ANA MARIA VAZ PEIXOTO

ANA MARIA VAZ PEIXOTO

**O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE HUMANA:
PERSCRUTANDO A INDIVIDUALIDADE DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal Goiano, Campus Avançado Ipameri, como requisito parcial para a obtenção do título de Pedagogo, orientado pela Prof.^a Mestra Hilma Aparecida Brandão.

IPAMERI/GO
NOVEMBRO/2020

**DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE HUMANA:
PERSCRUTANDO A INDIVIDUALIDADE DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado como parte dos requisitos para obtenção do título de Pedagogo e teve o parecer final, no dia 27/11/2020, pelo Curso de Segunda Licenciatura em Pedagogia, vinculado ao Instituto Federal Goiano – IFGoiano, Campus Avançado Ipameri, sob responsabilidade da Banca Examinadora:

Trabalho de Curso (TC) apresentado à banca examinadora em ___/___/___, constituída pelos professores (as):

Prof^a. Hilma Aparecida Brandão
Orientadora (IFGoiano)

Prof. Greiton Toledo de Azevedo
Membro Interno (IFGoiano)

Prof^a.Cristiene Vaz de Aguiar
Membro Externo (SME-Ipameri/GO)

DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE HUMANA: PERSCRUTANDO A INDIVIDUALIDADE DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ana Maria Vaz Peixoto*
Orientadora: Hilma Aparecida Brandão†

RESUMO

Neste artigo interessa-nos abordar acerca da sexualidade humana, tema que surge de minha experiência como mãe e professora de crianças/adolescentes. Consciente da importância de não se tornar omissa em relação às respostas esperadas pelas crianças quando se dirigem ao adulto com alguma dúvida, sugem para mim alguns questionamentos em relação a esse tema, como, o que pode ser considerado normal em cada fase de desenvolvimento da criança? E como podemos identificar essas fases? Como a escola, ainda na Educação Infantil, pode explorar sobre a sexualidade das crianças de modo a contribuir para sua formação e cuidados com o corpo? As questões levaram-nos a busca de compreender como se dá a sexualidade no âmbito infantil, como esta se desenvolve ao longo de suas fases, além de entender também como a escola da Educação Infantil pode contribuir para que a criança passe a ter mais cuidado com o seu próprio corpo. Com essa finalidade a pesquisa é de cunho qualitativo, a partir da revisão bibliográfica. Como suporte teórico, utilizamos autores como Sigmund Freud e Michael Foucault. Com o seu desenvolvimento percebemos o quanto nós, professores, ainda precisamos estudar sobre a questão da sexualidade, entendendo de forma científica assuntos que devem ser abordados com os alunos em qualquer fase educativa.

Palavras-chave: Sexualidade; Desenvolvimento humano; Educação Infantil.

ABSTRACT

In this article we are interested in addressing human sexuality, a theme that arises from my experience as a mother and teacher of children adolescents. Aware of the importance of not becoming silent in relation to the responses expected by children when they address the adult with any doubts, some questions arise regarding this topic, such as, what can be considered normal in each phase of the child's development? And how can we identify these phases? How can the school, still in Early Childhood Education, explore children's sexuality in order to contribute to their education and body care? The questions led us to seek to understand how sexuality occurs in the infantile sphere, how it develops throughout its phases, as well as understanding how the Early Childhood School can contribute to the child becoming more careful with your own body. For this purpose, the research is of a qualitative nature, based on the bibliographic review. As theoretical support, we used authors such as Sigmund Freud and Michael Foucault. With its development we realized how much we, teachers, still need to study on the issue of sexuality, understanding scientifically subjects that must be approached with students in any educational phase. As possible results we have.

Keywords: Sexuality; Human development; Early childhood education.

* Aluna do Curso de Segunda Licenciatura em Pedagogia, graduada em Geografia pela UFG-Campus Avançado de Catalão, atualmente UFCAT/GO; Pós-graduada em Psicopedagogia, Campus de Ipameri – UEG.

† Professora do Curso de Segunda Licenciatura em Pedagogia no Instituto Federal de Ciência, Tecnologia e Educação, Campus Avançado Ipameri. Licenciada em História pela Universidade Federal de Goiás, Campus Avançado de Catalão; em Pedagogia pelo CLARETIANO – Goiânia; Pós-graduada em História do Brasil, Campus Avançado de Catalão - UFG; Mestre em História – UFU; Doutoranda em Educação – UFU.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	5
2 O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE HUMANA.....	6
2.1 A escola e a educação sexual da criança.....	11
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	16
4 REFERÊNCIAS.....	17

1 INTRODUÇÃO

Perscrutar sobre sexualidade nem sempre às pessoas. Em especial para alguns professores que viveram em uma época que dialogar sobre suas dúvidas e anseios quanto ao assunto era algo proibido, em função dos tabus criados historicamente nas diversas sociedades e que em muitos casos ainda se mantém (SANTOS; ARAÚJO, 2009). Embora muitos avanços já tenham sido conquistados em relação a maior liberdade de falar sobre o tema é muito comum nos depararmos com situações para as quais falta conhecimento e até mesmo coragem para esclarecê-los de modo adequado, contribuindo para uma formação sexual mais consciente. Isso pode acontecer com os filhos ou com as crianças pequenas na escola.

O tema embora não esteja previsto na BNCC para a Educação Infantil é fundamental em todas as etapas escolares. Segundo ABREU (2017, p 17) “(...) não se pode ignorar que a aceitação ou a negação da sexualidade na infância decorre dos valores sexuais da sociedade. No caso brasileiro, a cultura sexual se pauta pela repressão e falta de diálogo, seja na sociedade, na família ou na escola”.

Minha vida profissional sempre esteve ligada de alguma forma a faixas etárias nas quais essas situações são muito comuns. Vivenciei no contexto escolar alguns momentos nos quais me senti perdida sobre qual poderia ser a melhor resposta ou o caminho mais indicado quando me defrontava com questionamento, seja de adolescentes, ao atuar no Ensino Fundamental, seja pelas crianças, quando passei a atuar na Creche como Diretora escolar.

Consciente da importância de não se tornar omissos em relação às respostas esperadas pelas crianças quando se dirigem ao adulto com alguma dúvida, sugem para mim alguns questionamentos em relação a esse tema, entre os quais se destacam: Primeiro, o que pode ser considerado normal em cada fase de desenvolvimento da criança? Segundo: Como podemos identificar essas fases? Terceiro: Como a escola, ainda na Educação Infantil, pode trabalhar sobre a sexualidade das crianças de modo a contribuir para sua formação e cuidados com o corpo?

A produção desse artigo configurou-se para mim como oportunidade de entender melhor sobre o assunto, e, para tal temos como objetivo descrever como se dá a sexu no âmbito infantil, como esta se desenvolve ao longo de suas fases, além de compreender também como a escola na Educação Infantil pode contribuir para que a criança passe a ter mais cuidado com o seu próprio corpo.

Partimos do princípio que as crianças precisam ter garantias quanto a respostas que ajudem no seu processo de formação, concordando com Abreu (2017, p. 19):

A sexualidade é uma construção histórica, social e política, na qual o poder e a regulação sobre o sexo estão presentes. Assim, as manifestações da sexualidade precisam ser examinadas e explicadas no contexto em que ocorrem, ainda que sejam manifestações elaboradas a partir das relações de poder[‡].

Dessa forma, ainda que muitos tabus ainda sejam perpetuados, precisamos desmistificar muitas explicações, quebrando o silêncio em torno da sexualidade. Entretanto, para que isso ocorra de modo satisfatório requer um estudo da sexualidade em cada fase por parte do professor e profissionais que lidam diretamente com as agúnstias de muitos alunos.

Para tal, utilizamos como método de pesquisa a revisão bibliográfica por meio de livros e publicações disponíveis nas diversas bases de dados, bem como autores que abordam sobre o tema e que foram analisados no decorrer do Curso de Pedagogia. Essa abordagem é importante, pois conforme as palavras de Boccato (2006, p. 266).

(...) busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação.

Com base nessas considerações a pesquisa desses autores se deu de modo a privilegiar os que mais poderiam nos auxiliar a responder os questionamentos que instigaram o desenvolvimento deste artigo. Dentre eles, foram fundamentais os estudos de Sigmund Freud e outros autores, entre eles Michael Foucault, os quais fizeram ampla análise do tema, como também, a influência e significância para o desenvolvimento infantil e formação de adultos conscientes e entendedores de seus corpos e desencadeadores de desejos. Dessa forma, em um primeiro momento trataremos do desenvolvimento da sexualidade humana e, em seguida, sobre a educação sexual no sistema escolar.

2 O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE HUMANA

Em seu comportamento sexual normal, a criança pode manifestar em algum momento interesse por entender questões sobre a sexualidade. Nesse sentido, quando ela presta atenção para se informar de um domínio misterioso, como olhar a nudez dos outros corpos, tocar suas partes íntimas com frequência, entre outros tipos de manifestações.

Podem resultar disso atividades e impulsos que transgridem o pudor, os bons costumes

[‡] Sobre essas relações de poder escreve Foucault (1999).

e que embora causem choque às pessoas mais conservadoras, precisam ser vistas com naturalidade, ainda que manifestem desejos por entes mais próximos, como considerar a figura do pai, como o primeiro homem e a figura da mãe, como primeira mulher.

Sigmund Freud, em sua obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996) escreveu sobre esse tema, a partir de pesquisas e observações acerca das diferentes fases pelas quais as crianças passavam no decorrer de seu desenvolvimento psíquico, demonstrou aspectos importantes sobre a sua sexualidade. O autor Couto (2017) nos esclarece que em cada fase está presente uma etapa que corresponde ao desenvolvimento normal da libido, que em cada momento do desenvolvimento do corpo apresenta uma zona erógena e uma modalidade específica de relação com o sujeito.

A análise destas fases nos permite o entendimento de que diversos traumas e neuroses são sintomas de pulsões sexuais reprimidos na infância. Neste aspecto, Freud (1905_1996) considera que toda criança quando nasce traz consigo impulsos inconscientes que as levam a procura de prazer e estabelecem fases ou estágios, aos poucos sendo substituídas por outras e na vida adulta essas pulsões serão transferidas pela área genital. Sendo assim, algumas atitudes podem ser consideradas normais, conforme a faixa etária da criança, como as ereções, masturbação ou o que pode ser denominado de simulações sexuais. Sobre isso Freud (1970, p.39-40 apud Nunes; SILVA, 2000, p.46) diz:

Mas agora sim, estou realmente certo do espanto dos ouvintes: “existe então-perguntarão-uma sexualidade infantil?” A infância não é, ao contrário, o período da vida marcado pela ausência do instinto sexual? Não meus senhores. Não é verdade certamente que o instinto sexual, na puberdade, entre no indivíduo como, segundo o Evangelho, os demônios nos porcos. A criança possui, desde o princípio e as atividades sexuais. Ela os traz consigo para o mundo, e deles provêm, através de uma evolução rica de etapas, a chamada sexualidade normal do adulto. Não são difíceis de observar as manifestações da atividade sexual infantil; ao contrário, deixá-las passar desapercibidas ou incompreendidas é que é preciso considerar-se grave.

Freud alerta aqui para a necessidade de que esses comportamentos não sejam considerados como algo a ser condenado, mas precisa ser percebido e compreendido dentro de uma normalidade que faz parte do desenvolvimento da criança. Aponta, ainda, que o ser humano constitui seu desenvolvimento em fases psicosssexuais, que ocorrem nos estágios: oral, anal, fálico, latência e genital, última fase do desenvolvimento humano, na qual os órgãos genitais são a fonte de prazer. A criança tem seu corpo tomado pelo que Freud denomina de “pulsões parciais autoeróticas”, que são fragmentadas e independentes, em cada momento de seu desenvolvimento a busca da satisfação do prazer se dá em seu próprio corpo.

Estas são fragmentadas e independentes entre si, não dependem de fatores externos. A teoria freudiana caracteriza as pulsões parciais autoeróticas como impulsos naturais chamados de id e ego, são todos de uma manifestação inata, caracterizada como uma força que em movimento constante impulsiona a criança a agir de modo a sentir prazer.

Segundo o que nos explica Xavier; Nunes (2015 p. 14), a respeito das pulsões:

Trata-se de uma força intra-psíquica voltada para a busca de satisfação que pode ser de dois tipos: sexual/erótico ou agressivo/destrutivo. A energia da pulsão sexual, presente no ser humano desde o nascimento é a libido. Desse modo, o id, representante do inconsciente, funciona como o grande reservatório da libido, não sendo socializado e não respeitando qualquer convenção. Busca satisfação incondicional do organismo.

A libido, que deve ser compreendida como uma forma de energia sexual, iniciada pela boca, e por isso caracterizada como fase oral. Nesta fase, tudo que a criança pega ou todo prazer que sente está direcionado para a boca, dessa forma conhece o mundo a sua volta. Por isso o primeiro impulso se direciona para o seio da mãe, sendo que o ato de mamar produz nela um imenso prazer, caracterizando assim um objeto de pulsão sexual, o que mais tarde se transferirá para outra parte do corpo como, por exemplo, sugar o dedo da mão ou do pé. “Assim, a qualidade do estímulo, mais do que a natureza das partes do corpo, é que tem a ver com a produção e a sensação prazerosa” (GENS, 2000, p. 05).

O ato de sugar, constitui-se na atividade que dá mais prazer a criança, mas também deve ser observado que a partir dessa satisfação a criança desenvolve traços importantes em sua personalidade, como os que vão caracterizá-lo como sendo calma ou nervosa. Assim, a passagem por este estágio pode nos dar esta variável, é uma fase em que a criança é muito dependente da mãe sentindo-se angustiada e insegura, a falta do seio materno, seu objeto de prazer e excitação, leva a criança a sugar outros objetos como o próprio dedo. As autoras Xavier e; Nunes (2015, p.15) definem esse sentimento da seguinte forma: “Nessa fase, a criança só se interessa pela gratificação de seu prazer de forma egocêntrica, constituindo o narcisismo infantil. Essa fase desempenha papel importante na constituição da personalidade, principalmente quanto à imagem que o indivíduo tem sobre si”.

Sobrepondo esta fase oral, Freud (1905-1996) afirma que a criança passará para a fase anal na qual outra mucosa será a sua fonte de prazer. Nesta fase, a criança possui de dezoito meses a 3 anos e a excitação infantil se dará na mucosa do intestino. Ao eliminar as fezes a criança tem sensação de alívio e estas são como presentes entregues apenas a quem é de confiança, a quem cuida dele, na maioria das vezes a mãe. Embora muitas vezes isso passe despercebido para muitos pais, essa característica também está relacionada ao seu

desenvolvimento, sendo importante passar naturalmente por ela para garantir maior equilíbrio em sua formação.

Por isso, quando o intestino tem funcionamento normal caracteriza-se como uma pessoa de atitudes doces, mas ao prendê-lo uma criança obstinada a “[...]recusa obstinada do bebê a esvaziar o intestino ao ser posto no troninho, ou seja, quando isso é desejado pela pessoa que cuida dele, ficando essa função reservada para quando aprouver a ele próprio.” (FREUD p. 175). Ainda nesta fase acontece a formação de valores importantes, assim o modo como a mãe ensina a criança é determinante para a formação de características de sua personalidade. Ao incentivar que a criança defeque desenvolve nela uma personalidade criativa e produtiva. Couto (2017) afirma que nessa relação de troca existem perdas e ganhos, a criança precisa aprender a renunciar ao prazer sentido na retenção das fezes pelos incentivos de um adulto de sua confiança, ganhando com isso respeito social.

Já dos 3 aos 6 anos de idade, segundo Freud (1905-1996) a criança entra na fase fálica, que ocorre quando a libido se concentra em diferentes locais do corpo. Caracterizada pelo Complexo de Édipo onde o menino tem na mãe o seu objeto de seu desejo, e é o pai, ou outra figura masculina que o represente, constitui-se em um rival na obtenção de seu objeto de desejo. O menino procura assemelhar-se ao pai imitando-o em seu comportamento para atingir a mãe, assim, a criança internalize as regras sociais do pai. Nas meninas a identificação se dá na figura do pai, que torna-se também seu objeto de desejo, por isso a mãe se apresenta como sua oponente. Como afirma Freud “apaixonar-se por um dos pais e odiar o outro figuram entre os componentes essenciais do acervo de impulsos psíquicos que se formam nesta época”.

A menina descobre, no curso da primeira infância, que seu órgão sexual é diferente do órgão sexual dos meninos. Isso ocorre porque há uma suposição de que todos sejam iguais com relação a formação genitália e isso se constitui como a primeira teoria sexual infantil. Aponta que para a criança não tem muita utilidade reconhecer o clitóris feminino como substituto autêntico do pênis e nem que a ciência biológica lhe conceda razão quanto ao seu preconceito em relação ao sexo oposto, o que ocorre com os meninos. Já em relação as meninas, não há dificuldade de ao observar os genitais dos meninos reconhecê-los como diferentes. É natural que o reconheça prontamente e que ao fazê-lo seja tomada por um sentimento de inveja em relação ao pênis, desejando também ser um menino.

Essa descoberta causa-lhe um trauma, um choque que pode abalar a relação mãe e filha e transferir seu amor pelo pai. E ela passa a invejar o menino que possui o órgão sexual que ela deseja. É essa inveja que, segundo Freud, fará a mulher adulta ciumenta e vaidosa. Por

este motivo a menina se agarra ao pai na segunda infância, e quando adulta deseja por um filho. Neste período aponta que a mulher pode chegar à plena feminilidade, superando o complexo de castração, que Segundo Freud (1926) significa a luta interna que a menina trava por não possuir um pênis, importante porque na fase adulta passa a ter o desejo de desfrutá-lo. Também pode ocorrer o contrário, desenvolvendo uma neurose, que resulte um complexo oposto, um complexo viril, que pode levá-la ao lesbianismo ou a desenvolver interesses e traços de personalidade masculina. O outro complexo, o de Édipo também está relacionado à inveja do órgão sexual masculino. Ao sentir-se castrada, a menina espera uma igualdade masculina pelo amor paterno. Segundo Roudinesco, E & Plon, M, 1998:104 o complex de castração designa “o sentimento inconsciente de ameaça experimentado pela criança quando ela constata a diferença entre os sexos” o que a leva a pensar que foi retirado o pênis, neste prisma todas as pessoas, o possuem, mas o que irão diferenciá-los sexualmente é que alguns por não possuírem foram castradas.

O que Freud define como o que se deve entender deste complexo de castração é que para a menina o sentimento é da perda de algo de grande valor para ela. Quanto ao menino, configura-se no medo de perder o que ele mais valorize, no momento.

O período de Latência irá substituir a fase fálica. Assim, Nunes e Silva (2000) baseado nas análises de Freud, afirmam que tal período ocorre entre os seis aos nove anos de idade. Considera-se que neste período termina a infância e inicia-se a puberdade, é uma fase essencialmente narcisista onde a criança adquire satisfação estimulando o próprio corpo. Freud (1926, p. 128) considera que:

Nesse período da vida, depois que a primeira eflorescência da sexualidade feneceu, surgem atitudes do ego como **vergonha, repulsa e moralidade**. Elas são destinadas a fazer frente à tempestade ulterior da puberdade e a alicerçar o caminho dos desejos sexuais que se vão despertando. (grifos do autor).

Nesta fase, ainda segundo Freud, a criança procura seus iguais, formando grupos de meninos e meninas. Quando chegar à adolescência aprenderá a amar outras pessoas e ele deixa de ser narcisista, a atração pelo sexo oposto e a grande socialização é algo marcante neste período. Já na juventude a socialização se intensifica e surgem os desejos profissionais, o namoro e depois o casamento. É quando se dará o período genital, que Segundo Freud é a última fase psicosexual do ser humano.

Faz-se importante ressaltar que a personalidade humana será formada pelas contribuições de cada uma das quatro fases aqui anteriormente relatadas, como também, a

construção da sexualidade que ao inserir traços culturais vai sendo construída ao longo dos anos. Como vimos, a sexualidade se manifesta desde o início da vida humana e se desenvolve acompanhando o nosso crescimento e amadurecimento. A compreensão da existência desta sexualidade é influenciada sobremaneira pela composição social dos seres humanos. Nem sempre foi aceita como comportamento natural, tal como é defendido na contemporaneidade, pois cada momento histórico tem a influência de sua época, bem como também da cultura. Pela não compreensão dos aspectos naturais do ser humano muitas atitudes das crianças acerca de assuntos que envolviam a sexualidade eram objetos de repreensão maior. Assim, Freud (1977, p. 135) afirma que:

A opinião popular tem ideias muito precisas a respeito da natureza e das características e do instinto sexual. A concepção geral é que está ausente na infância, que se manifesta por ocasião da puberdade em relação ao processo de chegada da maturidade e se revela nas manifestações de uma atração irresistível exercida por um sexo sobre o outro; quanto ao seu objetivo presume-se que seja a união sexual, ou pelo menos atos que conduzam nessa direção.

Por isso, tanto pais, quanto adultos, precisam conhecer sobre cada fase do desenvolvimento sexual da criança, para que possa contribuir em sua formação, sem gerar nenhum tipo de trauma ou castração. A partir de um estudo sobre o que pode ser considerado normalidade e qual a melhor forma de conduzir as situações professores e família podem agir corretamente na Educação sexual das crianças, o que não significa induzi-las a atos sexuais. Feitas essas considerações, na próxima seção abordaremos a importância para o professor de conhecer o desenvolvimento da sexualidade em cada faixa etária.

2.1 A escola e a educação sexual da criança

No processo em que nos encontramos o educador deve conhecer e respeitar o momento ou a fase do desenvolvimento psicológico e sexual da criança para que possa tomar as atitudes conscientes diante de situações naturais que ocorrem frequentemente na escola e, assim, participar positivamente na vida sexual de seu aluno, a partir de interferências coerentes e adequadas é o que nos afirma Farias; Nantes e; Aguiar (2015; p.13).

Em relação a como a escola deve pensar sobre o assunto, o portal do Mec [§]em um documento sobre orientação sexual (Idem, p. 78), afirma que:

[§] gov.br/mec

(...) a escola, querendo ou não, depara com situações nas quais sempre intervém. Seja no cotidiano da sala de aula, quando proíbe ou permite certas manifestações e não outras, seja quando opta por informar os pais sobre manifestações de seu filho, a escola está sempre transmitindo certos valores, mais ou menos rígidos, a depender dos profissionais envolvidos naquele momento.

As manifestações sexuais iniciam-se na Educação Infantil com os bebês que estão começando a conhecer o seu corpo e os prazeres que ele lhe proporciona. É sabido que meninos se masturbam desde os 6 ou 7 meses, e as meninas após os 10 e 11 meses e, por isso, as abordagens devem ser cautelosas, pois as mais rigorosas podem causar traumas. Sobre essa afirmação autores como Silva (2000) e Ribeiro (2005), entre outros, concordam que se trata de uma importante fase.

O próprio Mec (p. 81), ao se posicionar sobre a orientação sexual nas escolas diz que:

Os contatos de uma mãe com seu filho despertam nele as primeiras vivências de prazer. Essas primeiras experiências sensuais de vida e de prazer não são essencialmente biológicas, mas constituirão o acervo psíquico do indivíduo, serão o embrião da vida mental no bebê. A sexualidade infantil se desenvolve desde os primeiros dias de vida e segue se manifestando de forma diferente em cada momento da infância. A sua vivência saudável é desenvolvimento normal dos seres humanos.

A criança ao atingir os seus 2 e 4 anos, momento em que já controla os *esfíncters*, que são estruturas musculares capazes de controlar as fezes e a urina, conforme descritas por Vander (1994, s/d) “geralmente um músculo de fibras circulares concêntricas dispostas em forma de anel, aqui no caso o ânus e a uretra que controla o grau de amplitude de um determinado orifício”. busca o maior conhecimento do seu corpo e do outro, como também encontrar o prazer no corpo do outro, sem a menor maldade pode mostrar os seus órgãos genitais a outras pessoas. Este fato deve ser tratado, pelo professor, com naturalidade sempre tomando cuidado para não expor as crianças com escândalos ou atitudes que possam causar traumas ou inibição. Sobre esse tema Marques; Vilar e Forreta (2006, p. 45) esclarecem que:

Com essa idade as crianças ainda não interiorizaram a moral sexual dos adultos, na sua maioria, mostram o seu corpo e encaram o corpo dos outros de forma natural e espontânea. Dependerá, em parte, das atitudes dos adultos que as rodeiam, pais e educadores, que estas atitudes de naturalidade prevaleçam.

Aos 3 anos de idade a criança compreende a qual sexo pertence, por meio dos jogos e brincadeiras, é o que nos afirmam os autores. Assim, além do modo de se vestir, o sexo agora começa a regular o seu comportamento, sendo corriqueiro ouvir que meninos usam azul e

meninas rosa. Aos 6 anos inicia-se a fase do pudor, da busca da intimidade, como dormir sozinha, tomar banho e usar o sanitário. Isto se dá pela descoberta do corpo da criança, que já é capaz de diferenciar-se do sexo oposto e identificar semelhanças com as de mesmo sexo. Outro aspecto importante, é que nesta idade as crianças acreditam que podem mudar de sexo pela sua vontade, usando roupas e brinquedos diferentes.

O papel do professor é de orientar os pais para que não haja traumas futuros, pois, as experiências sexuais da infância contribuem para os comportamentos da vida adulta, sabemos que a sexualidade ainda é pouco discutida no ambiente escolar, mas, é dever da escola realizar a educação sexual e nunca podemos esquecer que o professor é o espelho do aluno. Os autores Marques; Vilar e Forreata (2006, p. 44) corroboram que as:

(...) mudanças comportamentais ocorridas no nosso meio cultural, nas últimas décadas, determinados padrões tornaram-se mais sutis, mas mesmo assim, continuam rígidos, principalmente se comparados com outros grupos humanos, onde a presença de um terceiro sexo ou de um sexo indefinido é aceite.

Dessa forma, devemos evitar passar aos alunos nossos preconceitos e tabus e utilizar corretamente nomenclaturas científicas para denominar os genitais das crianças, ou seja, pênis e vagina. Isso porque a utilização de apelidos para os órgãos genitais como “perereca”, “pinto” em nada contribui para o desenvolvimento da criança, sendo que o ideal é utilizar a linguagem adotada pela ciência.

Além disso, é comum as crianças da pré-escola se beijarem, como um ato de carinho feito com naturalidade. Nestes casos faz-se necessário tratar a situação também como normal e comum, não reprimindo e nem incentivando, para que elas não precisem se esconder. Ao sentir essa necessidade significa que perceberam que é errado e necessitam fazê-lo escondido para evitarem a bronca ou a condenação. Ao expressarem sua libido as crianças não devem ser reprimidas ou estimuladas, mas sim, alterar o foco da sua energia, é o que Freud (1915) chama de sublimação. Aponta que para evitar excessos de impulsos sexuais pelas crianças é necessário criar estratégias pedagógicas nas quais elas gastem e liberem energias, que não podem ser bloqueadas ou dominadas de modo opressor.

Segundo Furlani, (2011), a escola baseada num conservadorismo metodológico desde sua gênese sempre manteve a postura de encorajar e conter a energia das crianças, sistematizando tudo, obrigando-as a obedecer, manter a postura, entre outros aspectos, mantendo-nas fechada nas quatro paredes da sala de aula. Disso, resulta alunos tensos, desmotivados para o estudo, com energia contida, cheios de tabus e preconceitos, podendo

desencadear problemas com seu corpo e sua sexualidade, entre outros fatores. Diante disso, a aplicação de Educação Sexual nas escolas é fundamental para que as crianças desenvolvam sem traumas a sexualidade, de modo orientado e consciente.

Os primeiros registros de aplicação de Educação Sexual nas escolas ocorreram nos séculos 19 e 20, derivado de ideias difundidas na Europa. O estudo tratava apenas das diferenças biológica entre homens e mulheres, não abordando questões relacionadas a igualdade de direitos, mas o que marcava a educação sexual na época era a produção de obras para controle das mulheres, bem como o combate à iniciação sexual precoce e as práticas sexuais fora dos padrões da normalidade, é o que nos afirma Furlani (2011). Diz, ainda, que, a Educação Sexual se incorporava às Ciências, aos conceitos de reprodução humana, aos métodos contraceptivos, a gravidez indesejada e as doenças sexualmente transmissíveis.

A partir de 1978 os Congressos para a Educação sexual nas escolas começaram a existir. Já nos anos de 1980 programas de televisão como Malu Mulher, TV Mulher discutiram o aborto, a violência doméstica e sexualidade como também, a homo\bissexualidade. Esta década foi marcada pela incidência do vírus HIV e por este motivo a Educação Sexual torna-se um assunto amplamente discutido.

A LDB 9394\96, insere A Educação Sexual. Assim, pela primeira vez, ocorre a discussão sobre a necessidade de implantação de políticas de Educação Sexual

Nota-se que o discurso dos docentes está ancorado numa visão da sexualidade reprodutiva com argumento biológico, sendo inadequado o sexo fora da finalidade reprodutiva, mas è necessário que a Educação sexual tenha uma perspectiva educacional mais ampla, não negando que a sexualidade infantil exista. Para isso será necessário repensar o currículo superando também o preconceito aos LGBTs. Como apontam os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 291) “as manifestações da sexualidade afloram em todas as faixas etárias. Ignorar, ocultar ou reprimir são respostas habituais dadas por profissionais da escola, baseados na idéia de que a sexualidade é assunto para ser lidado apenas pela família.”

Nesta perspectiva surgem as críticas ao Currículo tradicional de Modelo Tecnicista. Paulo Freire já fazia suas críticas à educação bancária, com seu livro Pedagogia do Oprimido, idealizava a educação popular para a conscientização política do povo. Segundo Silva (1999, p.17) os estudos de Freire podem ser vistos como importante para as teorias críticas do currículo, voltadas para a conscientização de classe social como forma de libertação e emancipação. Em seguida, aponta que esse momento foi fundamental para a inserção de temas “proibidos” nas escolas, originando-se as teorias, que ele denomina de pós críticas, mais voltadas as representações culturais, de gênero, etnia e sexualidade abrangentes no

multiculturalismo.

Não pretendemos aprofundar sobre essas questões aqui, mas utilizamos as abordagens de Silva (1999) sobre o currículo para dizer que ele precisa ser conhecido e discutido, pois este contém o enunciado das finalidades e objetivos visados, como também, propõe a seleção do conteúdo, produz e cria significados sociais, pois a partir dele selecionamos e privilegiamos o que ensinar nas escolas. Portanto, entender que o currículo envolve o poder e é construído em nosso cotidiano para manter os privilégios de alguns, em detrimento da maioria da população. Devemos, enquanto professores da Educação Infantil, observar e nos atentar para o desenvolvimento sexual da criança, embora pela legislação educacional este seja um tema a ser abordado apenas a partir do Ensino Fundamental.

As críticas feitas aos currículos tecnicistas e pelas teorias críticas e pós-críticas de currículo propõe estudos relacionados às questões de gênero, sexualidade, questões étnicas raciais, feminino\masculino, heterossexualidade\homossexualidade, cisgênero\transgênero, branco e negro, gordo e magro, entre outros. Nesta discussão estão as relações de poder presentes nos relacionamentos humanos, que fazem com que aquilo que é diferente seja avaliado com negatividade. Não podemos nos esquecer que é função do Currículo propor os estudos de questões de gênero, sexualidade e étnico raciais. Conforme Furlani (2011, p. 65) “A pedagogia e o currículo escolar devem ser capazes de oferecer oportunidades para que crianças e jovens desenvolvam a consciência crítica e compreendam os sistemas e as formas dominantes de representação da identidade e da diferença”.

Os movimentos sociais, principalmente o feminista levantam ao debate sobre a educação sexual. Os PCNs (BRASIL, 2000, p.107), com os temas Ética, Pluralidade cultural, meio ambiente, saúde, trabalho, consumo e orientação sexual defendem que:

Ao se tratar do tema Orientação Sexual considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa desde cedo no ser humano. Engloba o papel social do homem e da mulher, o respeito por si e pelo outro, as discriminações e os estereótipos atribuídos e vivenciados em seus relacionamentos, o avanço da aids e da gravidez indesejada na adolescência, entre outros, que são problemas atuais e preocupantes.

Ao tratarmos de orientação sexual com os estudantes poderemos oferecer subsídios para que estes se orientem de forma clara a fim de evitar diversos problemas que a prática sexual irresponsável pode lhe acarretar. Quanto à diversidade das relações humanas, o Mec por sua vez, criou o Plano de Combate à Discriminação contra homossexuais para promover a cidadania de gays, lésbicas, transvestis, transgêneros e bissexuais, esta proposta foi duramente criticada e apelidada de “kit gay”. A partir disso, o currículo escolar deveria incluir questões

que possibilitassem a compreensão e a crítica da realidade, promovendo reflexões sobre valores, atitudes e práticas sociais que evitem a exclusão propiciada principalmente pela heteronormatividade, fundamentada no modelo heterossexual.

Essas questões são importantes porque consideramos a partir de um olhar sobre a escola que os alunos devem perceber as diferenças e compreendê-las para que a violência contra as minorias diminua e deixe de ser um problema. Por isso, é fundamental que o currículo contemple estudos de gênero e sexualidade. A discussão destas questões contribui para a construção de uma sociedade com menos violência, menos homofóbica, lesbofóbica e transfóbica. Estas questões são pertinentes na escola, pois é o lugar da produção do saber e da discussão ampla e pertinente sobre gênero e sexualidade. Segundo Moura e; Leite (2019) o tema sexualidade faz-se presente apenas na disciplina de Ciências, no 8º ano, o que considera como retrocesso. Para eles, este é um tema necessário em toda a Educação Básica. Chama atenção também para outro ponto, que diz respeito a não considerar a diversidade de nosso país e suas realidades específicas.

Pela BNCC (2017), a abordagem sobre sexualidade deve ser feita no Ensino Fundamental de modo a desenvolver nos alunos habilidades e competências que se restringem apenas a questão da saúde do corpo. Como exemplo, na Unidade Temática sobre Vida e Evolução, traz como expectativa de aprendizagem tornar os alunos capazes de:

- EF08CI08 - analisar e explicar as transformações que ocorrem na puberdade considerando a atuação dos hormônios sexuais e do sistema nervoso.
- EF08CI09 - comparar o modo de ação e a eficácia dos diversos métodos contraceptivos e justificar a necessidade de compartilhar a responsabilidade na escolha e na utilização do método mais adequado à prevenção da gravidez precoce e indesejada e de doenças sexualmente transmissíveis (DST).
- EF08CI10 - identificar os principais sintomas, modos de transmissão e tratamento de algumas DST, com ênfase na AIDS, e discutir estratégias e métodos de prevenção.
- EF08CI11 - selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética).

Logo, podemos afirmar que embora importante essa abordagem não é suficiente para garantir uma educação sexual emancipadora, que precisa estar inserida em todas as fases estudantis da criança e adolescente, bem como fazer parte dos estudos dos professores e demais profissionais da educação.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As leituras e análises produzidas aqui nos permitiu compreender que a escola pode

propiciar a formação de uma sociedade menos preconceituosa, acolhendo as opções sexuais de maneira natural e superando as relações de poder fixadas entre homens e mulheres numa genitália que jamais deve ser mostrada com papéis extremamente excludentes, ratificados nas mídias ao trazer a figura da mulher como a mocinha à espera do príncipe encantado e o homem como o provedor, o mais forte.

A sexualidade dialogada na escola discute e convive com toda a diversidade humana. A ideia é superar a pedagogia que aplica a ideia de sexo como pecado, promovendo a heteronormalidade que vemos nas ações escolares, como nas brincadeiras, nos livros didáticos, nos conteúdos, comportamentos e escolhas onde se separam as mulheres dos homens e punem aos que infringem qualquer norma vigente. Porém, para que isso aconteça é necessário a formação de professores.

Aos docentes cabem um discurso sem fanatismo religioso, sem condenações para que não se leve a violência e a exclusão. A partir dos PCNs travestis e lésbicas tem conseguido possuir espaço na escola. Um dos problemas ainda enfrentados diz respeito, por exemplo, ao uso do banheiro, que da forma como organizado no ambiente escolar torna-se algo problemático na escola (obviamente esse problema se apresenta quando já se tem uma definição quanto a sexualidade, na fase jovem ou adulta). O uso do banheiro feminino pelas trans causa constrangimento nas mulheres, mas o uso do banheiro masculino é algo preocupante pela violência que pode ocorrer. O correto para que o banheiro seja utilizado de acordo com a auto-identidade de gênero da pessoa. Agimos conforme os modelos que nos são passados, principalmente pelas imagens que nos ensinam sobre o papel do homem e da mulher. Por tais motivos é que no âmbito escolar, por se tratar de um espaço social, o currículo precisa rever sobre a ausência de uma formação voltada para a sexualidade e o respeito pelas identidades escolhidas, diferentes das biológicas.

Estudar sobre as diversas fases de desenvolvimento sexual da criança nos leva a concluir que ainda precisamos avançar muito quanto à essa questão, o que só pode ocorrer a partir de uma maneira correta de abordar sobre o tema e que para tal, precisamos nos capacitar o tempo todo, pois em nossa concepção o professor é um eterno aprendiz.

4 REFERÊNCIAS

ABREU, Irene Silva de. **Educação sexual em espaços da educação infantil**. Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Goiânia, 2017.

ARTHUR, Vander. In: **Human Physiology: The Mechanism of Body Function** (Sixth Edition,

International Edition), 1994.

BOCCATO, V. R. C. **Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação.** Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional.** Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Distrito Federal, 1996.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1997.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental Parâmetros curriculares nacionais:** pluralidade cultural, orientação sexual/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1997.

CONCEIÇÃO, Isméri Seixas Cheque; VITIELLO, Nelson. **Educação sexual.** Femina, São Paulo, v. 14, n. 10, p. 939-942, outubro. 1996.

COUTO, Daniela Paula. **Freud, Klein, Lacan e a constituição do sujeito.** Psicologia em Revista UFJF; Juiz de Fora, volume, v. 1-11, p. 1-10, janeiro-junho. 2017.

FARIAS, Thaiz Maria da Silva; NANTES Elaine da Silva; AGUIAR Sirlei Maria. Fases Psicosssexuais Freudianas. **Simpósio Internacional de Educação sexual**, Faculdade Integrado de Campo Mourão-PR, de 22 a 24 de abril de 2015.

FREUD, Sigmund. **A sexualidade infantil.** Disponível em: <http://www.portalgens.com.br/textos/a-sexualidade_freud.pdf> Acesso em: 15 abr. 2020.

FURLANI, Jemina. **Educação Sexual na Sala de Aula – Relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças.** São Paulo, Autêntica Editora, 2011.

LEITE, Lucimar da Luz. MAIO, Eliane Rose. **Gênero e sexualidade na educação infantil e a importância da intervenção pedagógica.** Disponível em: <http://www.fecilcam.br/nupem/anais_viii_epct/PDF/TRABALHOS-COMPLETO/AnaisCH/PEDAGOGIA/06-completo.pdf>> Acesso em 20/10/2020.

MARQUES, Antônio Manuel; VILAR, Duarte; FORREATA, Fátima. Nome. **Os afectos e a sexualidade na educação pré-escolar:** Um guia para educadores e formadores. Lisboa: Texto Editores, 2006.

MEC. **Orientação sexual.** s/d. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>> Acessado em: 13 nov. 2020.

MOURA, Francisco Nunes de Sousa. LEITE Raquel Crosara Maia. **O conservadorismo e a formação cidadã:** a abordagem da Sexualidade no Ensino Fundamental diante do discurso em documentos oficiais. Revista de Educação Ciência e Cultura, Canoas, v.24, n.3, 2019.

NUNES, César; SILVA, Edna. **A Educação Sexual da Criança.** Campinas-SP: Autores Associados, 2000. 136p.

SANTOS, D. B. C.; ARAUJO, D. C. **Sexualidade e Gêneros:** questões introdutórias. In: PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Dep. da Diversidade. Núcleo de

Gênero e Diversidade Sexual. Sexualidade. Cadernos Temáticos da Diversidade. Curitiba: SEED, 2009.

SILVA, Sérgio Gomes da. **O conflito identitário:** sexo e gênero na constituição das identidades. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, 10 (1), p. 71-85.1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

XAVIER, Alessandra Silva; NUNES, Ana Ignez Belém Lima. **Psicologia do desenvolvimento.** 4. ed. Fortaleza: Universidade Aberta do Brasil. 2015.